

João Pessoa - Número Seis - Março de 2004

Subjetividade e questão de gênero

Maria do Perpétuo Socorro Leite Barreto

*Escuta-te
Há uma verdade silenciosa
Dentro de ti
A verdade sem palavras
Que procuras (...)
Há tanto tempo (...)
(Mireles, 1981)*

Escrever é um ato que prezo e sem falsa modéstia, realizo de forma espontânea; a não ser que fatores alheios ao meu desejo venham interferir na expressão dos meus sentimentos. Assim como os poetas buscam inspiração na beleza, na simplicidade ou nos mistérios do amor e suas nuances, em particular, especialmente nesse momento, tomo alguns fragmentos da minha própria vida como fonte de inspiração para falar sobre a beleza e a magia de ser mulher. Reverencio o sexo feminino porque até então não havia me dado conta de que nós mulheres, somos mistos de mistérios, sabedoria, força e uma imensa capacidade de renascer das cinzas; quando em algum momento da nossa história somos lançadas ao fogo que apesar de não conseguirmos ver, nos consome, nos faz sofrer, mas não destrói a nossa maior riqueza, a natureza selvagem que faz emergir a força para recomeçar, independente do isolamento e da insegurança predominantes na sociedade moderna.

A leitura de **Mulheres que Correm com os Lobos**, de Clarissa P. Estes, levou-me ao passado, quando sentia saudades estranhas. Tem trazido lembranças de sonhos que me levou às estrelas. De atos realizados, sem maldade, confiante, que geravam comentários do tipo "você é capaz de mamar em onça"...

Nos momentos de incerteza, uma luz guiava-me, uma voz dizia "não vá", "não faça" ...Uma proteção que eu julgava ser o Criador de todas as coisas...e, um dia, alguém me segredou, "você tem o espírito avisado".

A mulher selvagem, segundo Estes, vive em todos os lugares, vive no futuro e volta no tempo. Pertence a todas as mulheres. "As portas par ao mundo da mulher selvagem são poucas, porém valiosas". É aquela cicatriz profunda, ou uma história antiga, até os anseios para uma vida plena, mas, é uma porta. Precisamos penetrar nas trevas cuidando para não cair nas armadilhas. Nunca esquecer que existe um predador natural da psique, a exemplo do Barba Azul, um inimigo ancestral e contemporâneo dos dois sexos. Conhecido como mágico fracassado é o representante interior do mito do proscrito (aquele que foi desterrado, emigrado).

Ler Estes, transformou minha auto-percepção, me fez compreender o que parecia sem lógica, mobilizou o desejo de prosseguir em busca da minha essência. Esta é uma das portas que tenho para adentrar ao mundo da mulher selvagem e restabelecer meu potencial. Que a verdade é a posse da tenacidade, o cuidado com o fogo criativo, o resgate da intuição, da cura intuitiva, segundo Estes.

Diante desse contexto, pergunto-me o que é ser mulher nesse novo milênio que ensaia seus primeiros passos e já traz consigo tantas inovações nos mais variados segmentos? É certo que os desafios lançados pelas mulheres em detrimento da liberdade, da igualdade de direito em relação aos homens, data do século passado, precisamente final dos anos 50 até os dias atuais, tendo seu ápice nas décadas de 60 a 80, segundo alguns estudos, entre eles Moreira (2003), cuja tese sobre a condição feminina na narrativa de duas escritoras, uma americana, Kate Chopin e outra brasileira, Julia Lopes de Almeida, resultou no livro intitulado **A Condição Feminina Revisitada: Julia Lopes de Almeida e Kate Chopin** (2003). Apesar de viverem realidades diferentes as duas contribuíram de forma valiosa, considerando que ambas destacaram o papel da mulher dentro da sociedade machista de tal época.

Sendo a pesquisa de Moreira um trabalho de resgate de textos de autoria feminina ignorados pela crítica oficial, despertou-me interesse em conhecer a trajetória e as implicações dessa postura que envolve a própria existência.

O estudo comparativo da autora teve como suporte técnico a categoria gênero que, diga-se de passagem, só veio ganhar status acadêmico na década de 80; o que certamente constituiu-se um desafio para ela, que adotando uma postura eticamente comprometida soube de forma brilhante atingir seus objetivos.

No prefácio, escrito por Elodia Xavier (UFRJ), encontramos a citação de Simone de Beauvoir, na qual ela afirma no Segundo Sexo, antecipando o conceito de gênero e sua diferença em relação ao sexo que ninguém nasce mulher, torna-se mulher (p. 18). E nesse sentido, identifiquei-me com as personagens de Kate Chopin, descritas por Moreira.

"O traço mais pertinente nas personagens de Kate Chopin é uma independência quase intrínseca a natureza de todas elas. Há uma leveza, uma espontaneidade no espírito dessas mulheres que as fazem transcendentais, que as colocam acima dos papéis que lhes eram reservados na cultura e na sociedade a que pertenciam." (2003: 145)

Em Chopin, a luta dos sexos, segundo os estudos de Moreira, mostram que não é só o econômico e o educacional que garantem a mulher a emancipação. Algo existe e de forma sutil transcende os papéis estabelecidos de mães e esposas. O que me remete a definição de gênero, segundo Louro (1996: 9),

"Gênero não pretende significar o mesmo que sexo, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado a sua construção social (...) os sujeitos se produzem em relação e na relação, enfatizando assim os processos de formação de feminilidade e da masculinidade."

Em Lopes, as personagens femininas, são representadas por mulheres que cumprem o destino de serem mães e esposas, sendo a casa, o espaço idealizado para a rainha do lar exercer seus poderes. Algumas caladas, recalçadas em seus desejos de emancipação, presas as amarras do patriarcalismo... padecem no paraíso, revestidas de submissão e prontas para detonarem suas angústias.

O que é ser mulher? É romper os limites do que é determinado biologicamente, e buscar a emancipação espiritual e sexual, e despertar a consciência da condição de ser enquanto pessoa, com sonhos e ideais.

Para Lopes, a emancipação se dava através da estabilidade econômica enquanto Chopin, não apenas o cultural e ou econômico, mas aquilo que torna as pessoas seres humanos, independente do sexo. E o que afirma Moreira da conclusões dos seus estudos comparativos, sobre a vida das referidas autoras, enquanto personagens de enredos onde predominava a submissão, a discriminação da condição de ser mulher?

O conhecido Estudo sobre Mulher, resultante da Segunda Onda do feminismo, está vinculado à militância feminista que tinha por objetivo dar visibilidade a mulher como agente social e histórico, como sujeito, ou seja, tornar visível aquela que fora ocultada (Louro, 1996).

Em Veloso, verificamos que a categoria gênero foi introduzida no debate acadêmico norte americano na década de 70, disputando espaços com os estudos sobre mulher, tributários dos movimentos sociais daquela época, conforme mencionamos.

Vale ressaltar que os estudos da categoria gênero encontraram algumas resistências, por não terem sua atenção voltada exclusivamente para mulheres e sim para as relações sociais onde homens e mulheres se inserem, o que ia de encontro aos objetivos dos Estudos sobre Mulher.

Uma das resistências citadas por Veloso, está relacionada ao fato desses estudos de gênero não terem sido traduzidos para outros idiomas, e assim, nem todos conseguiram perceber que no uso do termo gênero, estava implícita a postura política de negação da biologização das relações de gênero. Apesar das polêmicas abriu-se a possibilidade de análise das desigualdades entre homens e mulheres, tornando-se o gênero como eixo condutor desse processo. Contudo, não há no trabalho de Veloso a intenção de negar a dimensão biológica presente na construção do gênero.

Lauretis (1994) propõe o gênero como representação e auto representação. Produto de diferentes tecnologias sociais, discursos, práticas, institucionalizadas ou não, ou seja, o gênero está presente em todas as relações sociais que atualmente são marcadas pela desigualdade, variando de acordo com as necessidades de cada sociedade e de cada contexto histórico.

Segundo Lauretis, "*Gênero esta interligado a fatores políticos e econômicos, (...) são parte da estrutura e da organização da sociedade.*" (1994: 212)

Retorno a leitura de Moreira dando continuidade ao discurso sobre o que é ser mulher na perspectiva de gênero, enquanto categoria de análise, ferramenta prática, ou , nas palavras de Veloso, fundante da vida social.

Segundo Moreira, o ato de escrever é exigente, requer disciplina, interiorização, concentração pessoal, isolamento e sossego, "*(...) escrever impõe afirmação do EU e não sua negação*". Estou de acordo quando afirma que:

"A escrita dos sentidos tem permitido as mulheres o encontro consigo e com seu próprio imaginário, na busca da identidade perdida pela fragmentação do EU." (Moreira, 2003: 73)

Na minha experiência de vida, a maternidade transcendeu a angústia da solidão, do abandono, dos descompassos, o que de certa forma impulsionou a busca do meu espaço, na certeza de que levei alguns anos para compreender que tudo que eu buscava fora, estava dentro de mim. Ou seja, Deus, o potencial, a força, o amor, o desejo, ferramentas que modelaram a mulher que me tornei. Sinto-me grata às lágrimas secadas ao vento, aos gemidos da alma, ouvidos pelo meu coração ferido. Sobrevivi, independente da hierarquia, do consumismo, da crise instalada em todos os segmentos da sociedade.

Então afirmo que ser mulher e ter coragem de mostrar que a vida só tem sentido quando aprendemos a ouvir o silêncio, a esperar o momento certo, assumir posturas que transformem conceitos e atitudes, ainda presentes em pensamentos com resquícios do modelo patriarcal e machista, com relação às mulheres, nossas produções, enfim nossa capacidade de gerenciar e administrar, seja no âmbito público ou privado.

Pretendi, ao longo desse trabalho enfatizar o ponto de vista de alguns teóricos sobre gênero e particularmente, usando as palavras de Foucault, apontar uma reorganização da existência, enquanto ele discorre sobre a estética existencial, no que diz respeito a arte de viver.

Revisitei minha história de amor, casamento e sexualidade, buscando resgatar meu processo de construção da mulher, mãe, produtora de subjetividades.

A pesquisa sobre a questão de gênero contribuiu para a melhor compreensão das transformações ocorridas ao longo da trajetória da minha existência, enquanto mãe, mulher, aprendiz, consciente da opção, das formas de preencher e tornar real alguns dos meus desejos.

Referências Bibliográficas

- ADUFPB. **Conceitos**, João Pessoa, ADUFPB-JP, 1996.
- ESTES, Calrissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAURETIS, Teresa. *A tecnologia de gênero*. In: _____. **Tendências e impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MOREIRA, Nadilza. **A condição feminina revisitada: Julia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.
- VELOSO, Renato. *Enfoques*. **Revista PPGAS**.

Copyright© 2000
DCS - CCHLA - UFPb

Todos os Direitos Reservados. Nenhuma cópia dos textos aqui publicados pode ser distribuída eletronicamente, em todo ou em parte, sem a permissão restrita da revista **CAOS**. Este modo revolucionário de publicação depende da confiança mútua entre o usuário e o editor. O conteúdo dos textos aqui publicados é de inteira responsabilidade de seus autores.